

# A guerra como forma de relação: Uma análise das rivalidades violentas entre gangues em um aglomerado de Belo Horizonte

**Rafael Lacerda Silveira Rocha**

Doutorando da UFMG

O artigo apresenta uma análise das relações de rivalidade violenta entre gangues no Aglomerado Santa Lúcia, uma das áreas de maiores índices de homicídio em Belo Horizonte. Foram estudadas as principais características dessas rivalidades, como duração, reciprocidade e justificativas de base moral, assim como os atributos dos grupos que as sustentam. O trabalho foi feito por meio de uma pesquisa de campo de seis meses baseada na metodologia da observação direta de algumas dessas gangues, para compreender a formação e a continuidade desses ciclos de rivalidades, muitas vezes mais duradouros que seus próprios participantes.

**Palavras-chave:** gangues, homicídios, criminalidade, rivalidades, aprendizado social

The paper **War as a Form of Relationship: An Analysis of Violent Gang Rivalries in a Belo Horizonte Slum** presents an analysis of the violent relations between rival gangs in the Santa Lúcia slum, an area with one of the highest murder rates in Belo Horizonte. The main characteristics of these rivalries were investigated, such as their duration, reciprocity and moral justifications, as well as the attributes of the groups that sustain them. The work was conducted by means of a six-month field study involving the direct observation of some of these gangs, in order to gain an understanding of how these cycles of rivalry are formed and maintained, often lasting for far longer than the gang members themselves.

**Keywords:** gangs, homicides, criminality, rivalries, social learning

## Introdução

Recebido em: 27/03/2014

Aprovado em: 05/12/2014

**E**ste trabalho apresenta algumas elaborações resultantes da dissertação de mestrado acerca das relações de rivalidade violenta, as chamadas “guerras”, entre gangues de uma das localidades com maiores índices de homicídios em Belo Horizonte. O objetivo central da pesquisa foi compreender como esses conflitos se estruturam e se mantêm durante longos períodos, assim como suas características como uma forma de relação específica a movimentar lealdades e valores centrais para essas gangues. A pesquisa teve como principal fonte de dados a observação direta feita ao longo de seis meses entre três gangues de um mesmo aglomerado urbano, assim como entrevistas pontuais, em uma abordagem metodológica que possibilita escutar dos próprios integrantes suas definições acerca de seu grupo, dos rivais e das guerras. Além disso, o método permitiu experimentar a forma como essas definições operam no cotidiano das gangues e de seus componentes.

Diversos estudos mostram tanto o aumento vertiginoso das taxas de homicídios entre jovens na faixa etária de 15 a 24 anos em Belo Horizonte<sup>1</sup> (WAISELFISZ, 2011, p. 39) quanto sua concentração em algumas regiões específicas da cidade. Parte significativa desses homicídios é derivada de rivalidades e confrontos não entre jovens de localidades e bairros distintos, mas entre moradores de ruas vizinhas e becos próximos.

Outro dado importante revelado nas análises espaciais é o caráter intracomunitário dos homicídios que estavam ocorrendo na cidade. Quando examinada a distância entre a residência do ofensor, da vítima e do local do homicídio, verificou-se que tudo isso ocorria em um raio menor que 400m. (...) Eles ocorrem entre pessoas conhecidas, que nasceram e cresceram a pouca distância, cuja vítima é uma, mas poderia ter sido a outra, conforme as circunstâncias. Nesse sentido, é equivocado se referir ao fenômeno da explosão da criminalidade em grandes centros urbanos. Mais correto seria falar de uma implosão, pois ela ocorre no interior de comunidades específicas, onde vítimas e agressores são originários e coabitam o mesmo espaço (BEATO FILHO, 2005).

No caso específico da Região Centro-Sul de Belo Horizonte, onde se localiza o Aglomerado Santa Lúcia, esse fenômeno é ainda mais evidente. Nela estão localizados bairros tradicionais, bem como a Praça da Liberdade, sede do governo de Minas Gerais, e a Assembleia Legislativa do Estado, além de possuir um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) bastante elevado, de 0,914<sup>2</sup>, suficiente para colocar o conjunto formado por 42 bairros em um patamar superior ao de vários países europeus. O Santa Lúcia, assim como outras favelas da região, destaca-se pelo contraste entre essa realidade representada pelos bairros de classe média alta que o cercam e um IDH de 0,685 que o coloca entre as piores posições no ranking do município. Tal disparidade se manifesta de maneira ainda mais contundente em relação à chamada distribuição espacial dos homicídios, descrita por Beato Filho – entre 1993 e 1997, 92,4% dos homicídios cometidos naquela região de BH ocorreram no interior de seus aglomerados e vilas, em um quadro que se sustenta até hoje sem grandes mudanças. No período entre 2008 e

1 Segundo o Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2011), a taxa de homicídios entre jovens de 15 a 24 anos de idade passou de 42,9/100 mil habitantes em 1998 para 116,3/100 mil em 2008. Esse aumento, que levou o município do 17º para o 7º lugar no ranking das capitais com maiores taxas de homicídio entre jovens, ficando atrás apenas de Macaé, Recife, Vitória, Salvador, Curitiba e João Pessoa, respectivamente.

2 Atlas de Desenvolvimento Humano da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

2011, foram registrados 63 assassinatos na mesma favela, uma média de 15,75 mortes por ano. Se considerarmos os dados oficiais do Censo 2010, a taxa média de homicídios nesses quatro anos na comunidade foi de 102,6 homicídios por 100 mil habitantes, quase três vezes maior que a média de 36,2/100 mil registrada no município.

Embora, no contexto da capital mineira, diversas análises já tenham sido elaboradas acerca da concentração espacial dos homicídios (BEATO FILHO, 2003), do perfil dos envolvidos (BEATO FILHO, 2003; 2005), da relação significativa desses homicídios (BEATO FILHO; MARINHO e SILVA, 2001; SAMPORI e SILVA, 2010), da falta de ligação deles com o tráfico de drogas (BEATO FILHO e ZILLI, 2010; ZILLI, 2011), e da relação entre esses homicídios e gangues juvenis (BEATO FILHO, 2005; ZILLI, 2011), um número ainda reduzido de esforços foi feito no sentido de analisar a estrutura desses grupos ou gangues e, principalmente, de compreender como surgem e se mantêm as relações de rivalidade entre eles, apontadas por vários dos autores acima como um dos fatores cruciais na análise dos homicídios em Belo Horizonte na última década.

Foi a partir dessa percepção que surgiu o presente artigo (assim como a pesquisa de mestrado do qual deriva). Na tentativa de contribuir para a discussão sobre os homicídios entre jovens em BH, o texto visa descrever as relações de rivalidade violenta, ou guerras, entre os grupos do Aglomerado Santa Lúcia, localidade escolhida com base em alguns fatores convergentes. Trata-se de um dos maiores focos de ocorrência de homicídios no município, com vítimas e autores majoritariamente adolescentes e jovens entre 15 e 29 anos (BEATO FILHO; MARINHO e SILVA, 2001). Dado o interesse na análise de como as dinâmicas de rivalidade se constituem, o alto número de conflitos violentos torna-se um prerequisite básico para esse tipo de investigação. Outra característica importante da localidade é a desarticulação do tráfico de drogas local. No Santa Lúcia, o tráfico apresenta uma configuração dispersa, sem grandes lideranças, com dezenas de pequenos grupos desarticulados responsáveis por uma espécie de tráfico de varejo em territórios estabelecidos. De forma geral, não há uma disputa pela posse de pontos de vendas estratégicos, o que em outros contextos costuma ser apresentado como motivação dos conflitos violentos entre grupos e gangues.

Outro fator determinante para a escolha foi minha familiaridade com a localidade, devido à atuação prévia em uma política pública executada pela Secretaria de Estado de Defesa Social cujo público-alvo eram jovens moradores da região. Durante os três anos em que atuei no núcleo do Programa de Controle de Homicídios – Fica Vivo! do Aglomerado Santa Lúcia pude acompanhar a dinâmica dessas gangues e de seus jovens integrantes à medida que ingressavam nos grupos, trocavam ameaças e agressões e forjavam relações de rivalidade e alianças. Essa familiaridade prévia, tanto com a configuração das gangues do aglomerado, como com seus integrantes, foi um fator crucial para facilitar meu acesso ao campo entre janeiro e julho de 2012, quando acompanhei alguns desses grupos, balizado pelas metodologias da observação participante e de entrevistas não estruturadas.

## **Os grupos**

Para que a descrição e análise das relações de rivalidade entre as gangues do Aglomerado Santa Lúcia seja possível é necessário um olhar anterior sobre as características desses grupos. Embora as investigações sociológicas sobre o fenômeno das gangues tenham quase um século, desde os estudos pioneiros da Escola de Chicago, não há consenso em toda a literatura sobre o tema acerca de quais características são efetivamente necessárias para que um grupo de pessoas constitua uma gangue.

Não é pretensão deste artigo dar conta de todo o debate teórico ao redor do conceito de gangue, especialmente nos pontos de maior polêmica, como a inclusão ou não da prática de crimes na própria definição do fenômeno ou ainda em torno do grau de estruturação dessas organizações (MOORE, 1998; ZALUAR, 2003; ZILLI, 2004; KLEIN e MAXSON, 2006; ABRAMOVAY, 2010). Ainda assim, é necessário expor o que chamo no presente artigo de gangue e que características as destacam de outros grupos no interior daquele aglomerado.

Para tanto, utilizo dois conceitos considerados clássicos no estudo de gangues, que além de ocuparem lugar de destaque na produção sobre o tema, são ferramentas adequadas à realidade dos grupos do Santa Lúcia: a ideia seminal de Frederic Thrasher (1963) e a ampla definição de Malcolm Klein (2006). O clássico *The Gang*, publicado por Thrasher em 1927, foi revolucionário por abordar esses grupos como organizações sociais próprias, com dinâmicas e relações características, potencializadas e solidificadas por meio do conflito. Na teoria de Thrasher, a gangue não é vista apenas como fruto de determinadas comunidades ou produzida pela dinâmica do crime organizado. Ela se relaciona com estes, mas possui uma trajetória específica:

A gangue é um grupo intersticial que se forma, originalmente, de maneira espontânea, e depois integrado por meio de conflito. Caracteriza-se pelos seguintes tipos de comportamento: encontros hostis, perambulações, deslocamentos em grupo, conflitos e planejamento. O resultado desse comportamento coletivo é o desenvolvimento da tradição, estrutura interna irrefletida, *esprit de corps*, moral, solidariedade, consciência de grupo, e o apego a um território local (THRASHER, 1963, p. 46).

A descrição de Thrasher acerca das gangues de Chicago as considera duplamente intersticiais: por um lado, elas são espaços de transição ocupados majoritariamente por aqueles entre a infância e a vida adulta; por outro, também prosperam em áreas intersticiais da cidade, que na perspectiva americana eram definidas como zonas de passagem caracterizadas por sua desorganização, deterioração e alta mobilidade. Essa dupla característica de transitoriedade ao redor das gangues é fundamental à teoria do autor, que estabelece uma correlação entre as condições socioambientais precárias nas quais habitavam os jovens das comunidades degradadas e a difusão das modalidades de crimes cometidos por esses grupos. É justamente na fase de transição da adolescência, na qual a ausência de instituições de socialização se apresenta de maneira mais aguda nessas comunidades, que a gangue ocupa esse papel, pois em seu interior os jovens assimilam regras informais de convivência e têm noções primárias de territorialidade. Além disso, desenvolvem um sentimento de solidariedade e vinculação identitária com o grupo.

Entretanto, se os grupos de jovens emergem dessa convivência entre amigos e vizinhos nas ruas, só adquirirão, efetivamente, características de gangue ao se envolverem em conflitos com outros grupos, cruciais para o desenvolvimento de uma identidade coletiva. Segundo Thrasher (1963) esses conflitos podem se dar com grupos da própria comunidade, pertencentes a bairros e territórios vizinhos, ou ainda agentes das forças policiais, e são decisivos na formação de um sentimento de pertencimento ao grupo, assim como na definição de suas tradições e regras de convivência. Através de embates violentos, o que inicialmente se configurava como uma turma adota normas de comportamento e uma identidade grupal frente a uma ameaça externa, desenvolvendo uma configuração efetivamente de gangue para o autor.

Malcolm Klein (2006) também retoma a definição de Thrasher, mas propõe um conceito mais amplo, cujo ponto de partida é o território, embora não necessariamente associado a noções de desorganização e deterioração. Segundo Klein, uma gangue juvenil é qualquer grupo de jovens considerados uma agregação distinta por outros ocupantes da mesma vizinhança, reconhecem-se como um grupo distinto por seus próprios membros (e quase sempre adotam um nome para o grupo) e estão envolvidos em um número suficiente de incidentes ilegais que respaldem uma resposta tendencialmente negativa e consistente dos outros moradores da vizinhança e/ou das agências do Sistema de Justiça Criminal (KLEIN e MAXSON, 2006, p. 6).

Tendo como ponto de partida as observações dos grupos do Aglomerado Santa Lúcia, assim como as conceituações de Thrasher e Klein, busco uma mescla de ambos os conceitos, na qual a noção de conflito é o elemento central, mas que também incorpora as ideias de uma identidade distinta do restante da vizinhança e vínculo com um território. Desta forma, considero neste artigo as gangues do Aglomerado Santa Lúcia como: grupos formados em sua maioria por jovens, associados a um determinado território, que se reconhecem e são reconhecidos pela vizinhança como um grupo distinto dos outros moradores, e estão inseridos em uma dinâmica de ameaças e agressões recíprocas a outros grupos semelhantes.

A partir dessas características é possível afirmar haver aproximadamente dez gangues na comunidade em questão no período da pesquisa, que participam com frequência de rivalidades, alianças e ataques contra rivais. Apesar do número de grupos inseridos nessa teia de disputas, chama atenção a quantidade de características semelhantes compartilhadas pelos agrupamentos. A grande maioria deles possui entre oito e 12 integrantes, sendo difícil apontar um número exato de membros. As gangues costumam ser compostas por um núcleo central, ao qual pertencem indivíduos completamente inseridos na gangue e identificados com suas alianças e rivalidades, e diversos integrantes situados ao redor desses e que possuem envolvimento com o grupo e suas atividades, mas não são centrais em sua organização e nas relações com outros grupos. A média de integrantes por grupo se assemelha com o padrão encontrado em outros aglomerados da Região Metropolitana de Belo Horizonte:

**TABELA 1. Distribuição de gangues em 16 favelas da Região Metropolitana de Belo Horizonte**

Cidade	Localidade	Nº de gangues identificadas	Nº de total de integrantes criminalmente ativos	Nº médio de integrantes por gangues
<b>Belo Horizonte</b>	Agglomerado da Serra	6	70	12
	Favela do Borel	2	26	13
	Conjunto Felicidade	7	62	9
	Pedreira Prado Lopes	6	75	12
	Cabana do Pai Tomás	9	65	7
	Morro das Pedras	8	162	20
	Vila Pinho	2	33	16
	Vila Itaipu	1	7	7
<b>Ibirité</b>	Vila Ideal	1	12	12
<b>Vespasiano</b>	Morro Alto	4	26	6
<b>Betim</b>	Jardim Teresópolis	2	24	12
	PTB	1	13	13
	Citrolândia	3	53	18
	Jardim das Alterosas	1	25	25
<b>Contagem</b>	Parque São João	1	8	25
	Vila Frigodiniz	1	11	11
<b>Total de 16 favelas</b>		<b>55</b>	<b>619</b>	<b>11</b>

Fonte: Grupo de Monitoramento de Gangues (GMG)/SEDS – 2009

O tamanho e a organização dos grupos de Belo Horizonte é um dos principais fatores de diferenciação entre o fenômeno das gangues no município quando comparado com o contexto, por exemplo, do Rio de Janeiro, onde por anos três grandes facções disputaram entre si, ou ainda com o contexto americano e suas gangues, que operam em uma espécie de sistema de franquia. Essa desarticulação e pulverização dos grupos, uma das características centrais dos conflitos no Aglomerado Santa Lúcia, e que parece ser compartilhado em outras localidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte, é essencial para a compreensão da dinâmica conflituosa e violenta entre os grupos.

A associação entre os integrantes dos grupos e seu território é marcante. As gangues, em sua grande maioria, têm como membros jovens habitantes da rua que dá nome ao grupo ou em seu entorno, e geralmente têm entre 15 e 29 anos, com os mais velhos compondo o núcleo e mantendo uma posição de liderança, ainda que informal, sobre os integrantes mais novos. São comuns também as relações de parentesco entre membros desses núcleos, em uma composição contando com irmãos, primos, cunhados e amigos de infância, o que pode ser explicado por essa forte associação da gangue e seus integrantes com o território: todos nasceram e cresceram naquele mesmo entorno e, em certa medida, se envolvem juntos nas relações de rivalidade muitas vezes já existentes antes de nelas se inserirem. A fala de uma liderança, o único com mais de 30 anos naquele coletivo, demarca a presença de três gerações na mesma gangue:

Eu sou, tipo, da primeira geração. Comecei, tipo, em 1990 e pouco, por aí. Desse pessoal sobrou quase ninguém, só eu mesmo, o resto morreu ou saiu do morro pra não morrer. Tem uns que casou também e decidiu ficar de boa, então pra poder ficar tranquilo com a dona Maria teve que sair do morro, né? Depois teve a segunda geração, Tiaguim, Ronaldo, Jão. Esses que quando você conheceu [em 2008] tinham uns 14, 15 anos, tavam começando a entrar na parada. E agora tem esses meninos aí, tudo novo, de 13, 14, que tem disposição e tão colando com a gente.

Pesquisador: Todos moram aqui na rua?

Tudo morador, né? Tem que ser...



A necessidade do pertencimento ao território do grupo para eventualmente tomar parte em suas atividades foi justificada por entrevistados como uma forma de minimizar o risco de ser traído, afinal os moradores da rua participam de diversas atividades juntos e, não raro, se conhecem desde a infância:

Tinha um cara da rua ali de cima, aliado nosso, que era sangue bom demais, mas o problema dele era esse: ele confiava demais nos outros. Aí um dia uns caras lá do outro lado do morro armaram uma pra ele e ele foi sem maldade, mataram sem dó mesmo, chamaram o cara pra uma festa na quebrada deles e bem no meio da festa os mesmos caras que chamaram ele encheram ele de tiro. É por isso que eu falo: tem que confiar nos caras da sua área. Eu moro nessa área aqui, tenho que confiar nos caras daqui, já conheço tudo desde moleque, só de olhar no olho deles já sei o que tão pensando, né, não? Agora vou confiar em quem eu conheci ontem? Confiar nesses caras lá de fora pra eles me matar?

A profunda associação entre as gangues do Santa Lúcia e os territórios por elas ocupados com os laços de parentesco entre vários de seus integrantes tem como efeito o embotamento da separação entre o espaço público de ruas, becos e esquinas e o espaço privado da residência.

Importantes estudos sobre criminalidade e grupos juvenis trataram da dicotomia entre a socialização na gangue ou quadrilha versus o processo de socialização familiar (ANDERSON, 1999; ZALUAR, 2003). Zaluar aponta para um esfacelamento das estruturas familiares tradicionais nos morros e favelas do Rio de Janeiro por uma série de motivos, como divisões religiosas, espaciais e relacionadas a facções e comandos do tráfico de drogas nessas localidades. Esses grupos, conceituados por ela como quadrilhas – devido a sua organização racional frente à busca por lucro, alta especialização e hierarquização –, surgem no contexto carioca como espaços de socialização concorrentes com a instituição familiar:

De fato, a quadrilha, como um dos centros de reprodução da criminalidade como meio de vida – ensino de técnicas, transmissão de valores e de histórias de seus personagens, internalização de regras da organização – opõe-se à família e com ela compete,

bem como com outras formas de organização vicinal: os times esportivos, os blocos de carnaval e as escolas de samba (ZALUAR, 2003, pp. 49-50).

No entanto, no contexto específico das gangues do Aglomerado Santa Lúcia, a divisão entre a família e a rua se mostra mais complexa e porosa. Como apontado anteriormente, os laços de parentesco entre os membros centrais é uma constante entre os grupos estudados, e por si só constitui um elemento no rompimento da oposição entre a família e a rua. Afinal, se a gangue, que representa uma das formas mais clássicas de socialização na rua e no próprio comportamento criminoso, é composta por irmãos, primos e tios, a própria separação de que relações sociais entre eles se dão no âmbito familiar ou no da gangue se torna bastante imprecisa.

O território partilhado é um elemento importante para a compreensão dessa relação dúbia entre a família e a rua no contexto das gangues. Partindo-se da premissa do território como espaço socialmente construído, cujos usos e formas de apropriação determinam suas características tanto quanto sua disposição física e social, o território dessas gangues pode ser entendido como um espaço simultaneamente semiprivado e semipúblico, no qual o anonimato é substituído por relações intrincadas entre parentes e vizinhos de longa data. Por outro lado, são territórios pautados pela lógica da rua, sem um ordenamento formal ou a presença constante de uma figura de autoridade unificada, como no caso da matriarca ou patriarca em uma família. O território dos grupos é ao mesmo tempo o local em que esses grupos vendem drogas, guardam armas e sofrem ataques de seus rivais, e também o espaço no qual irmãos mais velhos tomam conta dos mais novos, jovens, independentemente de serem ou não da gangue, jogam futebol juntos, ajudam na construção ou reforma na casa de um vizinho, fazem churrascos e participam de festas organizadas por parentes e outros moradores. E, nesse sentido, a dimensão familiar, privada, encontra-se profundamente associada à esfera pública local, seja no aspecto das práticas comunitárias ou das criminosas.

Isso não quer dizer que todos os moradores dos territórios das gangues estudadas tenham envolvimento direto com elas ou com práticas criminosas. Obviamente, esse não é o caso. Como discutido anteriormente, esses grupos possuem uma composição muito clara: cerca de oito a 15 jovens do sexo masculino, entre 15 e 29 anos, parcela que dificilmente responderia por um quarto da população dessas ruas, mesmo que todos os jovens com tal perfil fossem integrantes das gangues. Grande parte dos moradores desses territórios, se não todos, relacionam-se com frequência com os jovens da gangue local, assim como parte significativa deles tem um primo, irmão, filho, cunhado, sobrinho ou colega de escola integrando o grupo. Mesmo que um morador não seja parente de nenhum participante da gangue, esses jovens também têm contato com ele, pois são consumidores assíduos do comércio local, já que não podem circular com liberdade, e passam uma quantidade enorme de tempo nas ruas, especialmente nos períodos da tarde e da noite. Ao fim do dia, quando os outros moradores chegam do trabalho e se reúnem para assistir a jogos de futebol e conversarem em bares, lanchonetes e calçadas, os membros da gangue estão ali e participam tanto como integrantes do grupo quanto no papel de amigos e parentes.

Dessa forma, as relações de parentesco entre integrantes das gangues e o restante dos moradores de seus territórios, assim como o prerequisite de todos os integrantes serem moradores daquela região, possuem efeitos múltiplos sobre os habitantes desses locais. O primeiro deles é o contato constante dos moradores daquele território com as ações, justificativas e definições da gangue. Como Sutherland (1993) ressaltou em sua teoria da associação diferencial, não é a mera convivência com grupos e indivíduos desviantes ou criminosos que leva à prática de atos criminosos, mas a prevalência de suas definições em relação àquelas conformadas às normas da sociedade. É justamente por isso que não são todos os jovens a crescerem nos territórios das gangues do Aglomerado Santa Lúcia que se associam a elas. Mas esta também é a explicação para o fato de os jovens desses locais possuírem maiores chances de se associarem a tais grupos, já que são inseridos no contexto de uma memória compartilhada da rua, cuja gangue, seus integrantes e seus conflitos são uma parte importante, e convivem diariamente com suas práticas, valores, e modo de vida.

Essa relação permeável entre a rua, a casa e a gangue permite um processo de entrada progressivo nesses grupos, por meio de socialização e convivência por longos períodos naquele território, nos quais os valores e noções do grupo são transmitidos aos futuros integrantes de maneira cotidiana e gradual. A entrada para o grupo não é marcada por um momento específico de escolha ponderada, ou ainda reforçada por um rito ou prova, como é comum em algumas gangues americanas (JANKOWSKI, 1991; ANDERSON, 1999) ou do Distrito Federal (ANDRADE, 2007; ABRAMOVAY et alii, 2004). Diferentemente, no contexto das gangues atuantes no Santa Lúcia, na maior parte das vezes esses jovens se filiam a tais grupos em um processo orgânico e cotidiano de convivência territorial, na qual cada grupo está inserido e gradualmente absorve novos integrantes.

É neste convívio diário, antes mesmo da entrada efetiva no grupo, que os valores, justificativas e hábitos são transmitidos para os possíveis membros, assim como determinações favoráveis a certos tipos de práticas, como o tráfico de drogas, ou ações violentas contra grupos rivais. Essa situação encontra ressonância na Teoria do Aprendizado Social de Ronald L. Akers (2011), que explica os comportamentos criminosos (e desviantes de forma geral), assim como os comportamentos considerados legítimos pela sociedade, aprendidos por meio da interação social com os outros, principalmente aqueles componentes de grupos primários de convivência, como a família e amigos próximos. São esses grupos que introduzem aos indivíduos tanto o comportamento criminoso quanto o não criminoso, assim como suas respectivas técnicas, justificativas e motivos, e no interior deles que determinados comportamentos, desviantes ou não, serão incentivados, transmitidos e imitados. O balanço dessas determinações de comportamentos favoráveis e desfavoráveis ao crime, apreendidas a partir das interações pessoais, é o que vai determinar se o indivíduo adotará uma postura desviante ou conformada em relação a aquelas leis e regras da sociedade de forma mais geral.

De acordo com Akers (2011), a relação de forças entre as definições criminosas e não criminosas será determinada de acordo com quatro elementos principais: 1) frequência, 2) duração, 3) anterioridade e 4) intensidade com as quais o indivíduo interage com pessoas dispostas a transmitir esse conjunto de de-

finições. Assim, mais uma vez de acordo com o autor, se o indivíduo tiver contato com definições criminosas por mais tempo, de maneira mais intensa, ou ainda anteriormente às definições de conformidade com as leis, no final das contas aprenderá as técnicas, justificativas e definições necessárias para cometer crimes. Nesse sentido, o aprendizado social sobre como cometer crimes funciona da mesma maneira que o aprendizado de qualquer outro tipo de atividade – por meio da interação, comunicação e consequente compartilhamento de definições específicas.

## As guerras

Durante os primeiros contatos com integrantes das gangues do Aglomerado Santa Lúcia, chamou-me a atenção o número de vezes que eles se referiam a *guerra*. A impressão que tive à época era de grupos inseridos em uma grande e unificada disputa, com uma motivação semelhante e consistente que se enfrentavam como forma de tentar sobrepujar os outros na “guerra”.

O que surgiu posteriormente foi uma percepção oposta, a de que não existe uma guerra, mas sim uma multiplicidade de conflitos que se entrelaçam, nos quais cada participante eliminado integra uma rede ou grupo, cujos aliados eventualmente podem, e provavelmente vão, vingá-lo, atacando seus alvos, em um ciclo que se renova e se torna mais complexo a cada homicídio. Portanto, o que antes era por mim ouvido como um conflito maciço, e ao mesmo tempo bastante simples, pois os grupos pareciam buscar “o domínio do morro”, passou a ser percebido como um fenômeno fragmentado e extremamente complexo, no qual cada indivíduo participante tem uma justificativa própria para se inserir na dinâmica pré-existente. Esta, embora seja individualizada, sempre se relaciona com a oposição a um ou mais grupos rivais, inserindo a trajetória pessoal em um discurso mais amplo de grupo e na cadeia de confrontos anteriores. A partir dessa outra perspectiva, as guerras entre tais grupos no Aglomerado Santa Lúcia foram caracterizadas no estudo que deu origem a este artigo da seguinte forma: relações duradouras de rivalidade violenta entre gangues nas quais as partes envolvidas buscam mutuamente a eliminação dos rivais baseadas em uma série de justificativas morais.

Esses processos são duradouros, pois uma guerra entre dois ou mais grupos não persiste apenas por um instante ou uma troca de tiros – mesmo após a eventual eliminação do rival, é provável que um processo de vingança tenha início e finalmente a guerra seja adotada por um parceiro, primo ou irmão do participante morto. As agressões constitutivas dessas rivalidades são realizadas em processos cíclicos, ataques e revídes, mantidos pela reciprocidade e vinganças mútuas entre os grupos e que se sustentam durante anos ou até mesmo décadas.

Mas esses processos em algum momento tiveram um princípio, uma desavença que levou a um homicídio e deu início à fase de agressões mútuas. Ao conversar com diversos integrantes dessas gangues sobre o começo das guerras entre os grupos, ouvi versões distintas e fragmentadas, praticamente todas envolvendo disputas que poderiam ser consideradas banais, mas foram motivadoras de agressões, homicídios, além do estabelecimento da relação de conflito com outros grupos. No contexto do aglomerado estudado, as guerras se mantêm por períodos muitas vezes mais longos que o tempo de vida de seus participantes iniciais não devido a uma causa originária extremamente forte, um princípio tão poderoso capaz de mobilizar para colocar sua vida em risco nos conflitos não apenas a geração que o presenciou, mas também jovens a virem depois. Essa história belicosa no Aglomerado Santa Lúcia se perpetua pela estrutura dos grupos, pela forma como o conflito envolvendo um dos integrantes rapidamente se torna grupal, com uma morte ou agressão geralmente inserindo outros participantes na disputa. Bruno Paes Manso, em sua precisa análise sobre a dinâmica dos assassinatos em São Paulo na década de 1990, descreve o processo segundo o qual as rixas individuais muitas vezes se tornam uma questão grupal em determinados contextos:

Os conflitos pessoais de cada membro acabam virando problemas de todo o grupo (“todos por um”), o que proporciona maior sensação de segurança ao indivíduo, mesmo vivendo tão perto dos rivais e da violência. Todos no meio sabem que, se forem assassinados, sua morte será vingada, e o inimigo precisa estar disposto a assumir os riscos, caso queira comprar a briga (PAES MANSO, 2005, p. 56).

Ressalto que o processo descrito pelo autor evidencia os valores e posturas incentivados pelas gangues do Santa Lúcia em ação: trata-se da disposição para “correr atrás”, ou seja, responder a uma agressão sofrida pelo grupo e vingar a morte de um parceiro, e da consideração com seus aliados. Esses valores possuem uma espécie de efeito dupla face: por um lado definem o posicionamento na guerra, um modo de responder as ações dos rivais; por outro, geram coesão na própria gangue, a certeza de que se pode confiar um no outro, e que até mesmo após a morte o grupo continuará leal ao buscar a vingança contra os assassinos de um parceiro. Um dos entrevistados descreve o início de uma de suas guerras em termos bastante semelhantes aos da conceituação de Paes Manso, transmitida de um parceiro para outro na gangue:

O problema é que esse negócio nunca acaba, as guerras passam de um pro outro, e por isso nunca terminam. Ano passado tava na rua, bem ali perto do orelhão, e de repente um cara lá de cima veio do nada atirando em mim, sentando o dedo mesmo. Mas ele tava de longe, então corri aqui pra dentro do boteco e o cara veio atrás atirando, sapecou o bar todo! Ele ficou sem balas e saiu correndo. Eu também tava sem nada e não fui atrás na hora. A gente contou no dia e ele deu 16 tiros e não acertou nenhum. Até esse dia eu não tinha guerra com esse camarada. A guerra dele era com o Dudu, que morreu uns meses pra trás; você conheceu, né? Então, ano passado esse cara veio aqui procurar o Dudu, mas não achou. Aí, como eu era parceiro do Du, ele não quis perder a viagem. Eu nem tinha guerra com o cara, mas depois disso aí o que eu vou fazer? Vou ter que correr atrás, né? Se eu encontrar ele, já era, não vou dar boi, não... Tá vendo? É isso que causa as guerras, passa de um pra outro, os amigos vão comprando as guerras. Se eu sou seu parceiro, e alguém faz mal pra você eu tenho que fazer mal pra ele também.

As guerras são, então, relações de reciprocidade, nas quais os participantes buscam a eliminação dos rivais, se ameaçam mutuamente e se tornam potenciais vítimas e autores dos homicídios delas decorrentes. Elas em geral não são travadas entre desconhecidos, e não há anonimato nessas relações, já que os participantes sabem quais grupos aspiram por sua morte, assim como também têm com alguma clareza a definição de seus alvos.

Essa reciprocidade das agressões é expressada entre os integrantes das gangues por meio da importância da postura de “correr atrás”, buscar uma equivalência entre os homicídios e agressões, vingar um parceiro ou parente, e eventualmente sequer deixar uma ofensa feita por alguém de fora do grupo passar em branco. Significa a atitude de pagar na mesma moeda, de demonstrar que toda agressão, ameaça ou ofensa terá um retorno de igual ou maior intensidade.

A importância de correr atrás, assim, se relaciona com a manutenção da fachada desses grupos, composta pelas impressões acerca de si mesmos que os integrantes da gangue possuem e pretendem projetar para os outros (GOFFMAN, 2011). Sofrer uma agressão ou ser ameaçado coloca o grupo e seus integrantes em uma posição diante da qual aparentemente há apenas duas saídas: aceitar e se submeter ao agressor, incorporando a ruptura com a imagem até então projetada pelo grupo, simultaneamente sinalizando para os rivais que aquela gangue não está “correndo atrás” de ataques sofridos; ou responder a essa mesma agressão com um revide, demonstrando a disposição do coletivo de “correr atrás” e “cobrar o prejuízo” sofrido, como indica a fala de um membro da gangue da Rua Campos:

Eu tô tentando ficar de boa, voltei com minha esposa e aluguei o barraco ali... Só que a guerra nunca acaba, a questão é essa. O prejuízo que fez pro meu irmão uma hora eu vou cobrar. Os caras que tão preso... Mas eu não ponho a mão, não. Quem vai por a mão é nego daí de cima mesmo. Eu tô curtindo a minha filha, tá ligado? Quando os caras sair, o que é deles tá guardado, moço. Se não for eu vai ser outro... Na hora que eles sair, eles vão ver um pastor chegando perto deles com Bíblia na mão, pensando que é pastor, mas embaixo com uma lasca de uma .40 queimando eles tudo, porque o que eles fizeram com meu irmão tem que ser cobrado.

Cobrar uma agressão sofrida anteriormente é uma ação de restauração de fachada, já que cada agressão ou ameaça é interpretada pelos integrantes dos grupos como uma ofensa e negação da autoimagem da gangue acerca de sua disposição, coragem e lealdade para seus membros. O ato de revidar uma agressão é, portanto, ao mesmo tempo visto como uma forma de resgatar a fachada compartilhada pela



gangue e um meio de reforçar os lados de solidariedade e pertencimento ao grupo. O relato de um integrante da Rua 9 demonstra essa dinâmica em funcionamento, com um assassinato e uma tentativa recebendo como resposta um duplo homicídio de membros da gangue rival, o que foi considerado uma resposta à altura:

Aí, o Joca morreu e, passou um mês, meu irmão saiu da cadeia né? E eles eram tipo parceiro mesmo. Meu irmão tava de boa, tinha acabado de sair, tava só curtindo. Aí, os caras foram, desceu um menor ali, o filho de uma égua deu um bocado de tiro pra cá. Olha lá a porta da oficina pra você ver, toda furada. Aí um tiro pegou na blusa do meu irmão, de raspão mesmo... Nisso o Tiagão já tinha tomado aquele tiro um tempo atrás e ele já tava nervoso, querendo descontar, né? Aí, ele e meu irmão correram atrás, subiram lá e pegaram o cara no meio da Rua Chaves e deram um tiro na boca dele. Aí, depois eles desceram, cercaram um ali que tava procurando eles e já fizeram a outra fita ali embaixo, mandaram os dois no mesmo dia. É foda, né? A gente aqui já tava no veneno e os comédia ainda vieram zoar. Aí, já viu, subimos com os dois.

A postura de reciprocidade frente às agressões sofridas pelo grupo busca não apenas revidar ou equalizar o número de agressões sofridas e mortes de cada lado do conflito, mas também que a última agressão, a mais recente, seja causada pelo próprio grupo, e não pelos rivais. Há, portanto, uma relação de constante desigualdade nessa dinâmica, na qual um dos grupos sempre estará correndo atrás, buscando um revidar, e principalmente, se considerando injustiçado por ter sido vítima da agressão mais recente. Essa é uma poderosa justificativa moral entre os integrantes das gangues estudadas para manter a guerra em movimento: a posição de ofendido ou agredido por um grupo rival, cujas ordem e fachada precisam ser restauradas, reforçando assim seus compromissos internos de lealdade e os valores de coragem, disposição e proceder com os parceiros. Dessa forma, como visto anteriormente, as guerras se sustentam por anos não devido à sua origem ou conflito inicial. Muitas vezes são ocorrências um tanto banais, mas com essa dinâmica de reciprocidade, na qual cada agressão sofrida deve ser respondida, e um dos

grupos sempre estará na posição de “correr atrás”, sentindo-se desacreditado e injustiçado frente a uma agressão recentemente sofrida. Trata-se de uma dinâmica de intercalação que se sustenta com muito mais força nas falas e ações posteriores desses jovens do que as motivações iniciais das guerras.

A dinâmica das conflitos no Aglomerado Santa Lúcia, segundo a qual vários grupos de tamanho e poderio bélico semelhantes se ameaçam mutuamente e utilizam como principais estratégias os ataques surpresa, tornam as relações entre os participantes permeadas de desconfiança. “Trairagem” e “covardia” são dois termos bastante utilizados pelos jovens integrantes das gangues para situações nas quais um suposto aliado ou elemento neutro na guerra se volta contra alguém em um ataque inesperado. Esses dois termos falam, antes de tudo, sobre uma relação na qual um dos participantes confia em alguma medida no outro, mas, ao mesmo tempo, faz um uso instrumental dessa confiança para tirar alguma vantagem, algo que no contexto das guerras geralmente significa tentar matar o outro enquanto esse se encontra desprevenido.

Frente à possibilidade de uma eventual trairagem, de confiar em um integrante de outro grupo apenas para posteriormente ser pego de surpresa, os integrantes das gangues estudadas se antecipam e adotam uma postura de desconfiança generalizada em relação aos membros de outras gangues e até mesmo de moradores de regiões nas quais atuam grupos rivais. No contexto dessas relações violentas e letais, os integrantes das gangues interpretam as linhas de ação dos membros de outros grupos como potencialmente desleais, covardes, e assim se antecipam a elas demonstrando uma suspeita total em relação a qualquer movimento ou eventual tentativa de diálogo. Ao mutuamente interpretarem as linhas de ação dos rivais e se posicionarem em relação ao que esperam deles, os participantes geram uma dinâmica entre as gangues que se assemelha ao “dilema do prisioneiro”: os integrantes de ambos os grupos temem ser vítimas da “trairagem”, de acabarem do lado desfavorecido de uma covardia, e assim adotam uma posição antecipada de desconfiança, por meio da qual diminuem não apenas a possibilidade de serem emboscados e surpreendidos, mas também de qualquer diálogo, tregua ou cooperação, que pressupõe

um mínimo de confiança, a partir do momento em que todos os lados estão armados. A possibilidade de traição inviabiliza a confiança e um eventual acordo capaz de levar ao fim de uma guerra entre dois grupos.

Esse processo de isolamento das gangues e de desconfiança mútua é potencializado pelas justificativas no interior de cada um dos grupos, que simultaneamente imputam uma série de características negativas aos rivais, ao mesmo tempo em que ressaltam a correção moral do próprio grupo frente às regras da guerra ou da “vida do crime”, como demonstra um dos jovens entrevistados ao falar sobre sua visão acerca dos integrantes de grupos rivais:

Pesquisador: Com quais grupos vocês aqui tem guerra?

Guerra só tem mesmo com os caras pilantras, tipo aquele povo da [Rua] Campos. Pilantrou tem que morrer. E o cara não vai querer morrer, né, não? Aí é matar ou morrer, porque ele também vai querer te catar.

Pesquisador: E essa guerra que vocês têm é mais com o pessoal da Rua Campos? Ou tem guerra com grupos de outros lugares também?

Só com os caras da [Rua] Sete e na Campos mesmo...

Pesquisador: E como é a sua relação com o pessoal de lá? Você conhece eles, sabe como os cara são, ou só de nome mesmo?

Tem uns que eu frago [conheço] de rosto, tem uns que eu troco ideia, tem parente meu que mora lá também...

Pesquisador: Como você troca ideia com o pessoal que você tem guerra, pelo telefone? Como vocês desembolam isso?

Não... Nós troca ideia é só trocando tiro mesmo, entendeu?

Pesquisador: Não entendi, não... Como assim troca ideia, então? Na rua, a gente não troca ideia, só troca tiro mesmo. Mas se nós tromba na cadeia, não dá pra matar, então tem que acabar trocando uma ideia.

Pesquisador: E isso já aconteceu com você?

Já. Ano passado, quando eu agarrei lá no [Centro de Internação Provisória] Ceip, tinha um cara da [Rua] Campos que tava pagando cadeia lá também...

Pesquisador: E que ideia você desembolou com ele lá no Ceip? Que eles é errado, que fazem muita covardia, tiram os morador, e que tão querendo pagar de ladrão de boca roubando nossas droga... Um bocado de questão!

Pesquisador: E o cara lá da Campos, o que ele falou?

Eles negam, né? Falam que a gente é que faz covardia, que a gente é safado, um monte de caô.

Pesquisador: E como você descreveria o pessoal da Campos e da Sete com quem você tem guerra? Tem alguma coisa que você acha que eles são diferentes de vocês?

Eles são tudo pilantra. A gente é sujeito homem. Tá todo mundo envolvido com essas questão aí, mas quando a gente vacila, a gente assume. Já eles deram tiro em um camarada nosso que nem tinha guerra com os caras. Só porque ele começou a ganhar dinheiro os cara foram lá e deram tiro no cara e matou ele. Não ganharam nada com isso, mataram só pela inveja mesmo.

Para a maioria dos membros das gangues do Aglomerado Santa Lúcia, as guerras são travadas não entre iguais, mas contra aqueles de alguma maneira “errados”, “invejosos” e que praticam “covardia”. Como demonstra a fala anterior, por oposição um integrante do próprio grupo geralmente é descrito como “sujeito homem”, capaz de assumir seus vacilos, reconhecer as regras e quando elas são desrespeitadas. De acordo com o discurso mantido pelos grupos estudados, eles são corretos em sua lógica própria, e estão em guerra com rivais que não respeitam esses mesmos valores. Essas justificativas são fruto de uma leitura das relações de rivalidade sob a ótica do próprio grupo, segundo a qual a guerra é narrada por meio do discurso da gangue, onde eles são não apenas os protagonistas, mas também os portadores de uma moral distinta contra a qual todos os outros grupos participantes das guerras são comparados. A facilidade com a qual as gangues qualificam os rivais como errados, folgados, invejosos ou covardes é inversa a sua compreensão do fato de que um ponto de vista semelhante, mas em sentido oposto, também é mantido por todos os outros participantes da guerra em relação a seus respectivos rivais.

A produção desse discurso, que seleciona arbitrariamente determinados episódios para construir uma narrativa de superioridade moral do próprio grupo enquanto simultaneamente ressalta as falhas dos rivais, é uma constante entre as gangues estudadas e gera um terreno fértil para justificativas acerca das rivalidades e homicídios delas decorrentes. Pela via dessa narrativa de superioridade moral da própria

gangue em relação aos rivais, os integrantes se colocam em uma posição de injustiça, na qual apesar de corretos, foram vítimas das condutas e valores deturpados dos outros. A única saída por eles enxergada para essa situação no contexto no qual estão inseridos é o revide, “correr atrás”, a reciprocidade violenta por meio da qual marcam os erros de conduta dos inimigos e suas consequências potencialmente letais, assim como reforçam internamente a suposta superioridade moral do próprio grupo, seus valores e sua coesão.

## **Considerações finais**

A proposta do presente artigo foi apresentar e analisar as principais características das rivalidades entre gangues de jovens especificamente no Aglomerado Santa Lúcia, embora outros estudos (BEATO FILHO, 2003; ZILLI, 2011) apontem tanto para uma grande homogeneidade desse fenômeno em várias localidades do município de Belo Horizonte quanto para sua centralidade em uma parcela considerável dos homicídios cometidos na capital mineira. Nesse sentido é importante compreender as guerras como uma forma de relação social com características próprias e bastante específicas, e que, embora origem cadeias compostas de inúmeros homicídios, não podem ser compreendidas plenamente com a análise apenas dos assassinatos, ou de um dos grupos, ou de seus integrantes isoladamente, sem um olhar voltado para como tais elementos se relacionam entre si.

Como apresentado até aqui, as guerras se estruturam em meio a uma complexa rede de agressões, justificativas e relações de identificação grupal, não podendo ser compreendidas por meio do estudo de um elemento isolado – como o tráfico de drogas, justificativa dada corriqueiramente pela mídia e pela polícia. O comércio de intorpecentes ilegais certamente é um dos elementos a fazerem o ciclo das agressões girar com maior velocidade, ao facilitar o acesso a armas de fogo e financiar suas aquisições. Mas embora seja uma prática comum entre os jovens integrantes desses grupos e um tema recorrente em suas falas, em nenhum momento durante todo o trabalho de campo surgiu como justificativa ou motivação para o início das riva-

lidades entre as gangues. Essas disputas duradouras possuem um conjunto de causas muito mais complexo, que passa pela afirmação da identidade do grupo, pela visão negativa carregada de justificativas morais acerca dos inimigos, por sua vez intensificadas pela dinâmica de vinganças e contra-ataques que não apenas definem e reforçam a fachada da gangue frente aos rivais, mas que internamente tornam esses grupos mais coesos e integrados.

Para além de uma única e totalizante perspectiva acerca desse fenômeno, o presente artigo buscou apontar indícios de uma dinâmica violenta e complexa, que se sustenta e reitera a partir de cada um dos confrontos e suas consequências. A cada momento que um jovem é morto nas relações de rivalidade, vem à tona a possibilidade de um novo ator entrar na guerra, disposto a vingar a perda sofrida por ele e seu grupo. Essa posição não apenas marcará sua entrada na dinâmica das guerras, mas possivelmente também consolidará seu lugar na gangue a que pertence, tanto pela lealdade demonstrada para com seus parceiros quanto pela necessidade que terá de cada vez mais se proteger de futuros ataques e revides inimigos. E em determinado momento é provável que esse mesmo jovem se torne autor ou vítima de um homicídio, iniciando assim mais um ciclo violento da guerra.

## Referências

- ABRAMOVAY, Miriam (coord). (2010), *Gangues, gênero e juventudes: Donas de rocha e sujeitos cabulosos*. Brasília, Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.
- \_\_\_\_\_; WASELFISZ, Julio Jacobo; ANDRADE, Carla Coelho de [e] RUA, Carla das Graças. (2004), *Gangues, galeras, chegados e rappers: Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro, Garamond.
- AKERS, Ronald L. (2011), *Social Learning and Social Structure: A General Theory of Crime and Deviance*. Nova Jersey, Transaction.
- ANDERSON, Elijah. (1999), *Code of the Street: Decency, Violence, and the Moral Life of the Inner City*. Nova York, Norton.
- ANDRADE, Carla Coelho. (2007), “Entre gangues e galeras: Juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal”. Tese (doutorado), PPGAS, UnB.
- BEATO FILHO, Cláudio Chaves. (2003), “O problema dos homicídios em Belo Horizonte”. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, Vol. 42, pp. 345-351.
- \_\_\_\_\_. (2005), *Estudo de caso: Fica Vivo! Projeto Controle de Homicídios em Belo Horizonte*. Trabalho elaborado para Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (mimeo).
- \_\_\_\_\_; MARINHO, Frederico Couto [e] SILVA, Bráulio Figueiredo Alves. (2001), “Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999”. *Cadernos de Saúde Pública*, Vol. 17, nº 5, pp. 1.163-1.171.
- \_\_\_\_\_[e] ZILLI, Luís Felipe. (2010), “A estruturação de atividades criminosas: Um estudo de caso”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 27, nº 80, pp. 71-88.

- JANKOWSKI, Martin Sanchez. (1991), *Islands in the Street: Gangs and American Urban Society*. Oakland (EUA), University of California Press.
- GOFFMAN, Erving. (2011), *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes.
- KLEIN, Malcolm [e] MAXSON, Cheryl L. (2006), *Street Gang Patterns and Policies*. Nova York, Oxford University Press.
- MOORE, Joan W. (1998), “Understanding Youth Gangs”. Em: WATTS, Meredith (org). *Cross-Cultural Perspectives on Youth and Violence*. Bingley (RU), Emerald.
- SAPORI, Luís Flávio [e] SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da. (2010), “A relação entre o comércio do crack e a violência urbana na região metropolitana de Belo Horizonte”. Em: SAPORI, Luís Flávio [e] MEDEIROS, Regina (orgs). *Crack: um desafio social*. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas.
- THRASHER, Frederic M. (1963), *The Gang: A Study of 1.313 Gangs in Chicago*. Chicago, The University of Chicago Press.
- WASELFISZ, Júlio Jacobo. (2011), “Mapa da violência 2011: os jovens no Brasil”. Disponível (on-line) em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2011/SumarioExecutivo2011.pdf>
- WEISS, Robert S. (1994), *Learning from Strangers: The Art and Method of Qualitative Interview Studies*. Nova York, The Free Press.
- ZALUAR, Alba Maria. (2003), “Gangues, galeras e quadri-lhas: Globalização, juventude e violência”. Em: VIANNA, Hermano (org). *Galeras cariocas*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- ZILLI, Luís Felipe. (2004), *Violência e criminalidade em vilas e favelas dos grandes centros urbanos: Um estudo de caso da Pedreira Prado Lopes*. Dissertação (mestrado), PPGS, UFMG.
- \_\_\_\_\_. (2011), *O bonde tá formado: Gangues, ambiente urbano e criminalidade violenta*. Tese (doutorado), PPGS, UFMG.



**RESUMEN:** El trabajo **La guerra como una forma de relación: Un análisis de las rivalidades violentas entre 'gangues', en un conjunto de Belo Horizonte** presenta un análisis de las relaciones de rivalidad violentas entre "gangues", en el conjunto habitacional de Santa Lucía, una de las zonas de mayores tasas de homicidio en Belo Horizonte. Estudiamos las principales características de estas rivalidades, como la duración, la reciprocidad y las justificaciones morales, así como los atributos de los grupos que las apoyan. El trabajo fue realizado a través de una investigación de campo durante seis meses basada en la metodología de la observación directa de algunas de estas pandillas, para comprender la formación y la continuación de los ciclos de rivalidades, a menudo más duraderos que sus propios participantes.

**Palabras clave:** gangues, homicidio, criminalidad, rivalidad, aprendizaje social

**RAFAEL LACERDA SILVEIRA ROCHA** (rochaunit02@gmail.com) é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, Belo Horizonte, Brasil) e pesquisador do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp) da UFMG. Tem mestrado pelo PPGS da UFMG, especialização em Segurança Pública e Justiça Criminal pela Fundação João Pinheiro (FJP, Belo Horizonte, Brasil) e graduação em ciências sociais pela UFMG.